

A cultura material escolar da Deutsche Schule

Regina Maria Schimmelpfeng de Souza*

Resumo:

A abordagem de alguns aspectos da cultura escolar desenvolvida pela Deutsche Schule, na Curitiba da virada do século XIX, tornou possível a identificação de particularidades inerentes àquela instituição de ensino. Utilizando-se do método intuitivo ou “lições de coisas” para a produção e organização do conhecimento, a escola dispunha de utensílios e objetos variados para estimular a observação do alunado, os quais são aqui enfocados como elementos daquela cultura material escolar, com o intuito de problematizar seus usos e significados.

Palavras-chave:

história da educação; cultura material escolar; cultura escolar; escola alemã; método intuitivo.

* Universidade Federal do Paraná (UFPR).

The school material culture in Deutsche Schule

Regina Maria Schimmelpfeng de Souza

Abstract:

The approach to some aspects of the school culture developed by Deutsche Schule in Curitiba at the turn of the XIX century, made possible the identification of particularities inherent to that educational institution. By using the intuitive or “object lessons” method for the knowledge production and organization, the school used to dispose several implements and objects in order to stimulate students’ observation; implements and objects which are here focused as elements of that material school culture, aiming to debate their usages and meanings.

Keywords:

history of education; material school culture; school culture; German school; intuitive method.

A presente comunicação é parte do conjunto de reflexões realizadas, no âmbito da cultura escolar, para o desenvolvimento de pesquisa de doutoramento, esta enfocando uma instituição de ensino, na capital do Paraná, entre 1884 e 1917. Nesta investigação histórica, reconhece-se a organização hierarquizada do ambiente escolar, mas também sua vinculação com a sociedade mais ampla na qual a escola estava inserida, e, no mesmo movimento de análise, buscaram-se, na coerência de sua estrutura organizacional, suas práticas, seu cotidiano, seus níveis de flexibilidade diante das normas impostas (Viñao Frago, 1995; Julia, 2001).

A forma relacional da abordagem pretendeu abarcar as diversas mediações que intervinham no fazer escolar, procurando interpretar não apenas a documentação escrita e imagética disponível, mas também os objetos materiais presentes nesse processo. Na perspectiva de que o espaço e o tempo da sala de aula foram construídos historicamente para legitimar a escolarização e organizar os saberes, esses instrumentos foram compreendidos como recursos materiais dos quais a escola lançava mão, em seu espaço, criando condições para a transmissão e incorporação de conhecimentos e valores, num tempo determinado. Como tal, esses artefatos materiais também não são destituídos de neutralidade, respondem a determinadas intenções e necessidades, podendo fornecer dados sobre a peculiaridade da vida escolar. Em suma, partilha-se com Agustín Escolano (2000, p. 319) a compreensão de que “os objetos pedagógicos são signos que expressam características da escola, de suas estruturas, processos e resultados”.

Nesse sentido, e instigada pelos aspectos inerentes à cotidianidade da escola, Rosa Fátima de Souza (2007), em artigo a ser publicado e apresentado no II Seminário de Pesquisa sobre Cultura Escolar, em Curitiba, mapeou as possibilidades de investigação dos artefatos materiais escolares, na condição de vestígios de práticas, compreendendo-os como um estudo histórico da cultura material escolar. Com base em uma significativa bibliografia, a autora demonstra a potencialidade oferecida pela análise desses objetos para a decifração e compreensão das práticas educacionais.

Com o apoio dos historiadores da educação e a intenção de discutir a materialidade dessa cultura, este trabalho propõe-se a trazer alguns

exemplos de objetos que estiveram presentes na dinâmica da vida escolar da Deutsche Schule de Curitiba. Eles foram coletados em vários arquivos, inclusive particulares, uma vez que não há um acervo documental concernente à escola em foco¹. Guardados em “velhos baús”, os materiais escolares revestiam-se de uma carga simbólica, constituindo-se em tesouros pessoais de seus portadores, restos de sua infância ou testemunhos de memórias familiares, tendo sido possível colher dados significativos sobre o material remanescente. Todavia, para torná-los objetos de uma análise histórica, fez-se necessário ampliar os horizontes de pesquisa e de análise que permitissem estabelecer relações entre aqueles e seu conjunto, inseridos no universo da escola em questão. Recorreu-se então a outras pistas, tais como relatos e descrições realizadas pelos inspetores escolares e pelos articulistas, quando em visita àquela instituição escolar. E, na imbricação de registros e percepções variadas, no diálogo com o todo da documentação, procurando refletir sobre sua produção, seus usos e seus significados para incorporá-los à narrativa histórica, as interpretações aqui construídas não pretendem ser únicas, mas antes visam dar contornos aos fazeres escolares, pelo viés da cultura material escolar.

Com esse intento, faz-se necessária uma apresentação, ainda que sumária, dessa instituição de ensino.

A Deutsche Schule pertence à categoria de escolas alemãs, ou seja, uma forma peculiar de escolarização, efetivada na ambiência característica das regiões de imigração e alavancada pela iniciativa comunitária de imigrantes alemães, que previam a formação escolar de seus filhos em seu idioma materno. E, por estar situada em uma região urbana, essa escola já se diferencia da grande maioria de suas congêneres do período, idealizadas e concretizadas em zonas rurais, as quais, sem grandes recursos humanos e financeiros, ofereciam aprendizado rudimentar, em instalações modestas e com material precário (Kreutz, 1994; Rambo,

1. A Deutsche Schule, posteriormente denominada Colégio Progresso, foi repassada a outras instituições de ensino, durante o período de vigência do Estado Novo, e extinta na década de 1940.

1994). Embora a escola se representasse como aconfessional, durante o período abarcado pela análise, as diretrizes educacionais eram estabelecidas por uma sociedade escolar, cujos membros, em sua grande maioria, tinham ascendência germânica e comungavam da religião protestante, bem como grande parte do corpo docente e discente. Do ponto de vista religioso, estes entendiam a aprendizagem das primeiras letras como essencial para o acesso e a compreensão da Bíblia, aquela que serviria como principal fonte de conhecimento de sua fé, havendo pois uma compreensão generalizada, entre esses indivíduos, a respeito da importância da escolarização. O exame das fontes dá ainda a perceber que os membros da Sociedade Escolar, atrelados ou não a sua formação religiosa, envidavam esforços para prover sua escola, conseguir um número significativo de matrículas e estimular a assiduidade dos alunos. No início do recorte temporal, por exemplo, o índice de ausências foi apresentado como nulo e, do total de alunos matriculados em escolas diurnas de Curitiba, 20,5% pertenciam à Deutsche Schule enquanto os 79,5% restantes estavam distribuídos entre as outras 20 escolas públicas e particulares existentes (Paraná, 1884).

A análise empreendida permite também aferir uma preocupação da escola em distribuir os/as escolares em classes mistas, respeitando as faixas etárias e os níveis de aprendizagem, desde o início do período, e a existência de uma proposta curricular – um conjunto de matérias organizadas hierarquicamente, com objetivos, atividades e especificações de tempo – que foi sendo implantada e aperfeiçoada ao longo dos anos, concebida como “um plano orgânico para a escola inteira” (Deutsche Schule – DS, 1895), “ajustado às necessidades de nosso tempo” (DS, 1913). A documentação consultada possibilitou delinear os conteúdos de ensino e identificar o emprego do método intuitivo, as “lições de coisas”, cujo princípio norteador é o de levar o aluno a observar os objetos que lhe estão próximos, a perceber seu ambiente, sua realidade, a utilizar e/ou aperfeiçoar seus sentidos, preparando-o para a construção do conhecimento (Kreutz, 1994; Valdemarin, 2004).

Método e material didático haviam sido então concebidos para serem aplicados e manipulados de maneira que facilitassem aprendizagens. Contando com a eficácia dessa parceria, a escolha de matérias e

conteúdos, desenvolvidos gradualmente e de acordo com as idades e aptidões dos alunos, viria ao encontro do projeto de educação formal, este desenvolvido pelo conjunto de professores, naquele espaço escolar. Nessa concepção, procurando viabilizar condições diversas para o ver, ouvir, cheirar, tocar e refletir, a escola sentia necessidade de contar com uma diversidade de suportes materiais, objetos apropriados para estimular o olhar de seu alunado.

Foi assim que, no início do Novecentos, os materiais encomendados, apreciáveis pela sua qualidade e variedade, foram agrupados e dispostos em uma única sala para serem vistos e observados pelo público convidado. Na condição de mercadoria, enfatizava-se que eles haviam sido recém-chegados da Europa, contrastando com as perspectivas pouco animadoras da instrução popular paranaense que, condicionada aos poucos recursos governamentais, revelava-se carente. “Temos ainda muito que andar n’este terreno, porque d’aquillo mesmo que possuímos, pouco ha de solido, substancial e aproveitavel”, queixara-se o superintendente geral do Ensino (Paraná, 1894).

Inviáveis para a maioria das escolas públicas paranaenses, o “aparelhamento” material utilizado pela Deutsche Schule tornava-se digno de uma exposição, transformada em “evento” ao ser registrada pela imprensa:

Das paredes pendem finas estampas coloridas para o ensino pratico da historia natural, com especimes dos tres reinos da natureza, e tambem quadros representando scenas da vida profissional, para incutir no espirito das creanças o amor pelos officios manuaes ou para fornecer-lhes elementos para o estudo intuitivo das cousas. Vimos magnificos mappas geographicos dos mais modernos e aperfeiçoados que concorrerão para o ensino da geographia, disciplina tão bem acceita pelos alumnos e que tanto desenvolve-lhes a memoria e o gosto pelo estudo. Apreciamos muito a collecção de aparelhos para o ensino de elementos de physica, cujo conhecimento todos devem possuir [,] aparelhos para a demonstração das leis do equilibrio, tanto dos solidos como dos liquidos, para provar a theoria das forças, bussolas, thermometros, camara escura, microscopio, aparelhos para demonstrar a theoria das cores, sua composição e decomposição, imans etc. etc.

Chamou-nos a atenção também umas estampas com figuras anatomicas e principalmente uns especimens proprios para o estudo d'essa sciencia, que poderiam figurar com vantagem em qualquer museu de anatomia.

Alem de tudo quanto vimos de descrever deparamos com quadros apropriados para o ensino primario, não so de leitura e calligraphia, como também de arithmetica e desenho linear. Poderíamos fazer uma descripção mais extensa e minuciosa do que nos foi dado apreciar hontem na Escola Allemã [Deutsche Schule], porem julgamos que o que vimos de relatar é mais do que sufficiente para dar uma idéa do valor deste instituto de instrucção [*Diário da Tarde*, 22 out. 1900].

A informação jornalística dá indicações de aspectos relevantes para a discussão sobre a cultura material da Deutsche Schule – ou Escola Allemã, como denominada. O agrupamento desses objetos numa mesma sala pode ser entendido como uma coleção de itens, reunidos para serem vistos e apreciados pelos convidados, dando sinais do prestígio da instituição, como faz alusão o jornal. Entretanto, essa coleção documenta também a preocupação da escola em oportunizar aos alunos a realização de atividades concretas, conveniente com os princípios metodológicos adotados e que pode ser concebida como um pólo para o ensino e suas práticas. Abrangendo uma gama considerável de instrumentos e de “espécimes”, não seria ilógica a afirmação de sua finalidade primordial, a de despertar a curiosidade. Mas pelo seu todo, pode-se argumentar que a coleção ainda atenderia à finalidade de instrumentalizar o alunado para a obtenção do conhecimento em várias áreas – consoante com os conteúdos propostos de geografia, história, aritmética, desenho, leitura e ciências físicas –, desenvolvendo o pensamento e o raciocínio com vistas a uma preparação dos futuros membros “úteis”² para a sociedade.

Nas “estampas coloridas” pendentes nas paredes, “representando cenas da vida profissional”, podem ser encontrados elementos residuais

2. Esse é um dos objetivos da escola, expresso em seu relatório de 1913, afirmando que a aprendizagem do idioma alemão, seu principal diferenciador, não impediria a formação de cidadãos brasileiros, para que estes se tornassem “cidadãos, úteis para a comunidade” (DS, 1913, s.p.).

do *ethos* protestante, no qual o trabalho ocupa um lugar fundamental, constituindo-se na própria finalidade de vida, um meio de aproximação do homem para com Deus. Ao tentar “incutir no espírito das crianças o amor pelos trabalhos manuais”, a escola procura valorizar a atividade produtiva do homem como um meio de atingir a certeza da graça, uma prática a ser realizada com dignidade e em favor do que lhe foi destinada, independentemente das condições impostas ou do tipo de serviço que executa (Weber, 1996), e posiciona-se como capaz de fornecer/proporcionar conhecimentos objetivos para que seu público pudesse vir a praticar qualquer atividade, colaborando e participando do desenvolvimento do país.

O relatório do inspetor escolar corrobora essa afirmação. Após “travar conhecimento” com dois estabelecimentos de ensino “dirigidos por alemães”, referiu-se à Deutsche Schule como um “estabelecimento de primeira ordem”, afirmando que:

O alumno sahido do collegio, tendo feito seu curso, sae apto a tratar com os elementos predominantes do Estado, provido de necessário para vencer na luta pela existencia. Viveiro de uma população infantil alegre, trabalhadora e forte, aquelle estabelecimento encara a vida pela sua feição pratica, preparando homens para a direcção intelligente da industria e do commercio [Paraná, 1908, p. 50].

Em contrapartida, o enaltecimento da capacidade humana de transformar a natureza para satisfazer suas necessidades básicas, vinculado ao saber científico – as demonstrações dos fenômenos observáveis e seus resultados; os recursos e as técnicas desenvolvidas e suas diversas aplicações no cotidiano –, contribuíam para o avanço do conhecimento e a divulgação do progresso, como conquista de uma sociedade organizada, participativa e produtiva. Daí a necessidade de trazer para o ambiente escolar alguns instrumentos destinados a observar (microscópio), conhecer (câmara escura), medir (termômetros), comprovar (bússolas), demonstrar (ímãs), propiciando a percepção dos movimentos, das formas, das forças, dos estados, das cores e seus matizes, enfim, levando o aluno a compreender o mundo que o rodeia. Construindo seu conheci-

mento, ele poderia estabelecer relações entre os reinos da natureza e entre esta e a ação do homem, compreendendo melhor a transformação da paisagem para atender às necessidades do ser humano.

No âmbito das relações entre o homem e a natureza, e ainda incitando a observação acurada, os alunos eram incentivados a trazer para a escola alguns resultados palpáveis dessa compreensão. Propunha-se a coleta de elementos encontrados em seu hábitat ou de suas representações em cartazes, para a formação de um pequeno museu escolar. Além de proporcionar evidência às colaborações individuais, a coleção permitia que todos participassem das descobertas e percebessem seu aspecto, suas características, aguçando a curiosidade e gerando novas aprendizagens. Durante o ano letivo de 1913, o Relatório Escolar registrou os nomes daqueles que haviam contribuído para o aumento da coleção, trazendo caramujos, borboletas, uma salamandra, uma cobra d água, uma coral e uma jararaca, além de duas pedras água e outros trabalhos, na forma de placas e cartazes diversos.

O trabalho do aluno tornado visível revestia-se de utilidade prática. Não se conhece o teor dos aludidos cartazes, reconhece-se, porém, seu papel determinante na aprendizagem, ao terem sido concebidos como uma atividade concreta, produto de uma elaboração de idéias. Segundo o método proposto pela escola, observação e ação consistiam em preceitos básicos para que a aprendizagem se realizasse, “aliando observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir” (Valdemarin, 2004, p. 107). Não bastava apenas observar, perceber, conhecer, o aluno deveria interagir com os dados observados e realizar trabalhos que os materializassem, pois, no mundo dos objetos, o exercício da percepção conta com o trabalho de reflexão pelo qual o sujeito elabora esse material e o restitui, na forma de conhecimento.

Nesse sentido, os materiais utilizados no cotidiano da sala de aula faziam parte do conjunto de instrumentos condutores e produtores de aprendizagens, alguns estimulando o desempenho do grupo, outros desenvolvendo as capacidades individuais, todos subordinados à lógica

ordenadora da produtividade, em etapas programadas para serem cumpridas dentro de um tempo determinado. Trabalhar com afinco e de maneira disciplinada era o dever de todo aluno, tornado natural desde seu ingresso no ambiente escolar quando se aprendia a recitar: “eu ainda sou jovem e pequeno, mas apesar disso já sou aplicado; a abelha também é pequena e, no entanto, junta mel” (*Deutsches Lesebuch für Brasilien*, 1914, p. 56)³.

A simbologia compreendida nesses versos pode ser relacionada, em vários aspectos, ao “ofício do aluno” e sua atuação no processo de ensino-aprendizagem. Seu resultado ou a recompensa do trabalho bem feito, o mel – com suas propriedades nutritivas e medicinais, servindo de base para o fabrico de outros produtos utilitários –, seria apenas um dos elementos associados à concepção do conhecimento adquirido e seu poder de transformação. A imagem da abelha coloca em destaque uma série de qualidades (operosidade, perseverança, cooperação), concepções (sociedade hierárquica na qual cada um exerce sua função) e desenvolve a idéia de produtividade aliada à ordem e à limpeza do interior das colméias.

O aprendizado escolar, empreendido por meio de uma atividade constante e ordenada, em ambiente asseado, atendia às proposições médico-higienistas. Estas asseveravam que a sala de aula deveria ser arejada e guarneçada de aparato higiênico, evitando a propagação de doenças e as possíveis deformações do corpo, causadas pela mobília inadequada (Gondra, 2000). Ainda que não se tenha obtido maiores detalhes do mobiliário escolar utilizado pela Deutsche Schule, sua procedência ou sua constituição, aventa-se a possibilidade de ele ter sido materializado adequadamente, a partir do ano de 1907, após a ampliação do edifício-escola, quando, por meio da avaliação do inspetor escolar, somos informados de que “a escola está muito bem montada, dispondo de móveis e utensílios imprescindíveis em estabelecimento de tal natureza” (*Diário da Tarde*, 17 dez. 1907).

3. A obra localizada não contém indicações de autor, embora conste ter sido elaborada com a supervisão das Associações de Professores do Rio Grande do Sul.

Entre os elementos adjetivados de imprescindíveis, estão inclusos os “mappas muraes, esferas”, a “grande quantidade de quadros para o exercício de lições de cousas”, os “aperfeiçoados aparelhos para o ensino de physica, chimica e anatomia”, além de piano e outros instrumentos musicais não especificados. O texto citado seria excessivamente longo para que aqui fosse reproduzido em sua totalidade, mas dá a perceber que o inspetor, mais preocupado em verificar se as atividades realizadas pela escola eram condizentes com a programação estabelecida pela legislação, fora atraído pela variedade de materiais espalhados pelo interior do estabelecimento de ensino. Seja pelo colorido dos mapas e quadros, seja pelo caráter científico que comporta a aparelhagem do laboratório ou a conotação emblemática do piano, foram esses os objetos que roubaram a cena de sua observação. Entretanto, cabe aqui indagar sobre os outros objetos que deveriam estar ali presentes, mesmo que encobertos pelo acanhado manto da trivialidade – o quadro-negro, os cadernos, as lousas, as canetas de pena metálica... Só para citar alguns exemplos.

Esvaecidos no dia-a-dia escolar, a ponto de serem desconsiderados, esses objetos podem ter sido compreendidos como elementos essenciais da sala de aula, criados para que os alunos pudessem adentrar no universo complexo dos caracteres e dos sinais da escrita. E porque o ato de escrever já estivesse de tal forma incorporado ao ato de ensinar/aprender, esses e outros materiais teriam sido relegados à condição de naturalidade, sem que sua presença fosse questionada. Todavia, os recursos materiais dos quais a escola se valia para gerar aprendizagens, se pensados como resultado de um plano de ação, envolvendo sujeitos, interações, práticas, apresentam variáveis cronológicas, espaciais, culturais, e provocam inquietações ao historiador. Em busca de indícios que orientem a investigação, procura-se pois refletir acerca de suas especificidades e permanências, sua produção e circulação, seus modos e suas formas de utilização, sua concretude e sua simbologia.

A aprendizagem escolarizada da escrita exige um treinamento, que envolve uma série de procedimentos a serem realizados por etapas, e depende da formação de hábitos posturais e de coordenação motora, sendo necessário ter o professor por guia e modelo, até que as regras da

boa escrita sejam interiorizadas pelo aluno. Com essa finalidade, um dos materiais mais elementares para a aprendizagem, podendo ser utilizado como suporte para toda a classe observar atentamente os movimentos, executados em várias direções, seria o quadro-negro. Uma superfície de cor escura, em madeira ou pedra, colocada em suporte apropriado para ficar em posição inclinada, facilitando o uso coletivo, o quadro-negro foi uma adaptação dos quadros de papelão suspensos, utilizados como recurso ao ensino mútuo. As pesquisas de Barra (2001) indicam que as pranchas escuras, demonstrando praticidade e eficiência, garantiram sua estabilidade e vieram redefinir a espacialização da sala de aula, seu mobiliário, seu material, seus sujeitos.

Os exercícios executados no quadro-negro eram posteriormente reproduzidos por cada um dos alunos, em suas próprias lousas⁴, ou seja, em pedras lisas de ardósia, enquadradas em madeira, para facilitar seu traslado e evitar seu esfacelamento. Substituindo as caixas de areia fina, esse suporte permitia apagamentos sucessivos e apresentou-se como eficaz no treino das mãos, tendo sido introduzido nas escolas francesas, por volta do século XVIII (Hébrard, 2001). Escrevia-se em sua superfície com o auxílio de um utensílio pontudo, feito da mesma pedra, o ponteiro⁵. Como apagador, um pedaço de pano ou de esponja era mantido atado à ardósia, por meio de um cordão. Esse material dispensava alguns cuidados rotineiros para desempenhar sua função, como demonstra o texto a seguir:

Eu tenho uma lousa; ela tem quatro cantos, ela é quadrada. Ela é de ardósia, por causa disso se chama “quadro de ardósia”. A ardósia é uma pedra de cor cinzenta; ela quebra fácil, por isso tem uma moldura de madeira. Na moldura

-
4. Lousa, no singular, ou “quadro de ardósia” – utilizado para traduzir do alemão o substantivo *Tafel* –, foi também denominada de “pedra” e “prancha de traçar”, na língua portuguesa; vocábulos citados em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (19[–?], p. 160).
 5. O vocábulo “ponteiro” foi utilizado no dicionário ao ser introduzida a palavra “lousa” com a explicação de que nela se escreve ou desenha com “ponteiros da mesma pedra” (Ferreira, 1986, p. 1049). Para o alemão, seu correspondente seria *Griffel*.

foi feito um buraco e nele foi presa uma corda. Nessa corda tem uma esponja ou um pedaço de pano, com isso apago o que está escrito.

O professor traça linhas na lousa; nessas linhas eu escrevo. Quando está suja a gente não consegue ver muito bem, isso prejudica os olhos; por isso eu lavo a lousa uma vez por semana e também a esponja ou o pano.

O ponteiro serve para escrever; ele é de ardósia e quebra fácil; a gente precisa lidar com cuidado. É sempre bom ter dois ponteiros com a gente; um pode ficar sem ponta, se quebrar ou perder; com a ponta rombuda/gasta não se consegue escrever bonito. É melhor afiar com uma lima. Uma criança comportada decora o ditado: “a gente precisa o ponteiro afinar, senão a gente não pode usar” [*Deutsches Lesebuch für Brasilien*, 1914, p. 57].

Por meio de uma descrição minuciosa, constroem-se novos modos de se comportar, fundados em princípios básicos de higiene, como as práticas de asseio e de cuidado com o material. Ao atrelá-las à boa aprendizagem e à saúde, visava-se convencer o escolar da importância de adquirir hábitos salutarres, sendo que a utilização de elementos contrastivos, culminando com a rima final, opera para reafirmar o comportamento tido como exemplar. Os resultados desse cuidado seriam ainda computados, trimestralmente, na forma de notas ou conceitos, nos itens aplicação, ordem, comportamento, disciplina, constantes nos boletins escolares (DS, 1900, 1912, 1916).

O texto dá a perceber que o fato de ajustar a escrita ao espaço limitado pelas linhas exigia um grande esforço, aqui interpretado pela fadiga e os possíveis danos aos órgãos da visão, caso a lousa não fosse mantida limpa. O traçado dessas linhas pelo professor nem sempre era necessário, uma vez que elas poderiam estar inscritas na pedra, sulcadas propositadamente com ferramenta própria, sendo que algumas lousas continham numa das faces linhas paralelas para a escrita das letras e/ou vocábulos, e na outra, linhas esquadreadas para os exercícios de aritmética, como se pode observar na figura:



Figura 1: Face da lousa dividida em quadrículas.

Fonte: Museu Paranaense. Acervo particular em exposição durante a Mostra “Raízes do Paraná – Os Alemães”, realizada entre 16 março e 29 maio de 2005.

Ficava, dessa maneira, delimitado o espaço para a escrita, exigindo atitudes antes não experimentadas, que envolviam o corpo como um todo nessa aprendizagem. A contenção de gestos, a manutenção de uma postura adequada, o desenvolvimento de alguns músculos – adequando braços, punhos, mãos e dedos a traçarem linhas, traços e curvas, dentro de um espaço determinado – estariam estreitamente relacionados ao bom desempenho nesse aprendizado. Colocado diante de um contexto específico, o ambiente escolar, no qual movimentos e aprendizagens são controlados e medidos, o aluno deveria aprender a localizar-se no tempo e no espaço estabelecidos, utilizando seu corpo como referencial para perceber a si e aos objetos que o rodeiam. A percepção acurada pode depender de alguns procedimentos simples – manter a lousa limpa para melhor ver as linhas –, mas, principalmente, da assimilação de conceitos – lateralidade, discriminação visual, simetria – que permitem a organização corporal nas diversas situações espaços-temporais da sala

de aula. Em suma, a aprendizagem deve ser incorporada, ser experienciada corporalmente, desde o primeiro ano letivo, quando se recomendavam exercícios escritos para:

- A. Desenvolver e treinar os conceitos de cima, embaixo, direita, esquerda, etc., de preferência, no quadro-negro e na lousa.
- B. Demonstrar, imitar o repetitivo treinamento da postura corporal dos braços, das mãos e dos dedos para escrever.
- C. Exercícios na face quadriculada da lousa [*Deutsches Lesebuch für Brasilien*, 1914, p. 3].

Faria Filho (2001), no caso de Minas Gerais, associa as práticas escrituralistas utilizadas pela escola aos ritmos e padrões impostos pela nova ordem social, fundamentada no método e na ciência. O aprendizado da escrita contribuía para transformar a “corporeidade da criança” em “corporeidade do aluno”, o que implicava educar a postura, demarcar e controlar claramente os gestos, criar condições para um escrever saudável e higiênico. Enquanto prescrevia-se sobre a forma ideal de posicionar-se diante do papel e de movimentar mãos e dedos, produzia-se um corpo escolarizado.

A lousa e o quadro-negro serviam de instrumentos para a criança escolarizada aprender os primeiros movimentos de uma escrita correta. Mantendo o ponteiro entre os dedos, traçando linhas cada vez mais precisas, num constante escrever-apagar/modificar-aperfeiçoar, os hábitos motores iam sendo incorporados. Só após esse treinamento, que deixaria suas mãos mais firmes e aptas para o traçado fino, sem rasgar as finas folhas de papel, seria permitido a ela operar sobre essas com a caneta. Esse objeto, em finais do século XIX e início do XX, consistia em um pequeno tubo no qual se encaixava, em uma de suas extremidades, uma lâmina de aço ou metal denominada pena. Terminada em ponta bifurcada e flexível, a pena era mergulhada em tinta especial para que, em contato com o papel, deixasse ali as marcas do líquido. O manuseio da pena requer movimentos finos e alguma habilidade motora, observando a posição dos dedos, do papel, da caneta e a pressão exercida. Se a caneta for comprimida em demasia, será liberada tinta em ex-

cesso, causando borrões na folha; a reduzida compressão, entretanto, não permite a suficiente liberação da tinta, inviabilizando o registro da escrita.



Figura 2: Caneta com a pena *Soenecken* n. 12, semelhante à utilizada pelo aluno em seu caderno de 1902.

Fonte: Acervo particular de Paulo A. Grötzner.

Com esse instrumento, o aluno iria passar para uma outra etapa, tendo atenção redobrada e o corpo reestruturado para adaptar-se a uma função motriz mais minuciosa, executando primeiramente linhas retas, curvas, em todas as direções, unindo traços, pausando a pena, conforme instruções e modelos dados, desenvolvendo progressivamente suas habilidades. Esses exercícios preparavam-no para executar uma escrita limpa e uniforme cujos traços ficariam indelevelmente marcados no papel, com um mínimo de falhas e desatenções, registrando seu desenvolvimento. No ofício de escrever, os trabalhos executados pelo aluno ao longo do ano ficariam compilados no caderno, um “conjunto de folhas de papel cortadas, coladas ou cosidas, formando livro de anota-

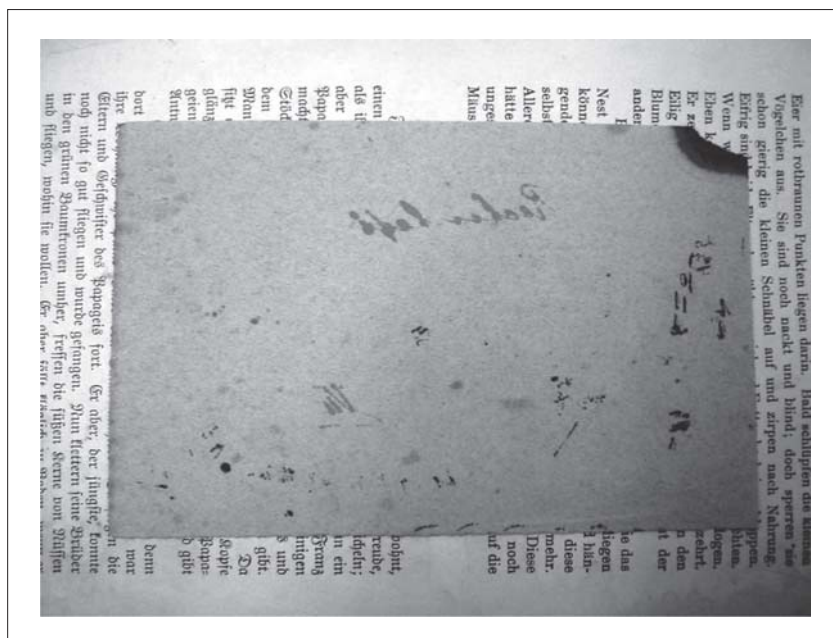


Figura 3: Mata-borrão pertencente ao aluno da Deutsche Schule.

Fonte: *Deutsches Lesebuch für Brasilien*, 1914.

ções, de exercícios escolares” (Ferreira, 1986, p. 310). O vocábulo, originário do latim *quaternio*, remete-nos à sua concepção remota de “grupo de quatro folhas” de papel, dobradas e costuradas, de maneira que as mantivessem firmes. No ambiente dos colégios franceses, o caderno era utilizado desde o século XVI (Hébrard, 2001), e no Brasil sua generalização está atrelada ao modelo de organização escolar republicana, que concebia o uso da escrita como indispensável no processo de racionalização do ensino, permitindo que o caderno fosse alçado como símbolo da escola graduada, no início do século XX (Souza, 2004).

O caderno era um dos elementos materiais considerados adequados para a organização da aprendizagem, anotando dados, resolvendo problemas, exercitando o raciocínio e permitindo que os professores acompanhassem a produção individual dos saberes. Os hábitos e cuidados exigidos para a obtenção de um resultado satisfatório, isto é, o domínio do traçado das letras e o manejo da pena, de forma que se conseguisse

uma escrita correta, clara e legível, exigiam certa destreza e cuidado para não provocar manchas no papel. No exercício desse aprendizado, muitas vezes se recorria ao mata-borrão, um pedaço de papel poroso que absorvia o eventual excesso de tinta deixado no outro papel, como este, fotografado no local onde fora encontrado, dentro do livro de leitura do aluno, e trazendo as marcas de seus traços pressionados em excesso.

Enquanto documentos escritos e registros do cotidiano, o exame desses cadernos, realizado pelo professor de forma individual e coletiva, serviria de base para a avaliação contínua, dando a conhecer o aproveitamento de cada aluno, o cumprimento do programa de ensino e o andamento da sala de aula. E nessa linha de pensamento, o caderno pode ser considerado um instrumento de trabalho e de controle, tanto do aluno como do professor (Viñao, 1990). Vale lembrar que ao final do ano, durante o período de exposição dos trabalhos, os cadernos – ao menos os dignos de exibição – ficavam à vista do público como resultados materiais de produtividade, fazendo emergir a idéia de organização e competência da instituição de ensino, por meio de sua cultura material. Os comerciantes aproveitavam para incluir essas mercadorias em seus “reclames”. Papéis pautados, cadernos para cópia, lousas e “utensílios para escrita”, penas (*Der Kompass*, 5 dez. 1906), canetas e lápis diversos (*A República*, 23 out. 1900) eram anunciados pela imprensa, enquanto a selaria de Kurt Wescher (*Der Kompass*, 10 dez. 1904) e a Casa Favorita divulgavam as “muxilas para escola” (*Diário da Tarde*, 18 dez. 1909), nas quais o material escolar ficaria acondicionado e protegido durante o trajeto diário entre a casa e a escola.

Produzir resultados satisfatórios e cuidar de seu material, como requisitos indispensáveis do bom aluno, podem ter colaborado para que os cadernos do aluno tivessem sido preservados não só por ele como pela sua próxima geração. Visto pelo conjunto, seu estado de conservação é bom, apesar de algumas folhas terem sido despregadas pelo tempo e pelas possíveis mudanças de local de armazenamento. Externamente, eles levam estampado seu nome em etiquetas e alguns estão ainda encapados com papel kraft. Para este trabalho, foi escolhido o caderno de capa azul escuro, com a inscrição “*Diarium für Guido Straube*” sobre a etiqueta, por conter informações relevantes para a pesquisa, estar

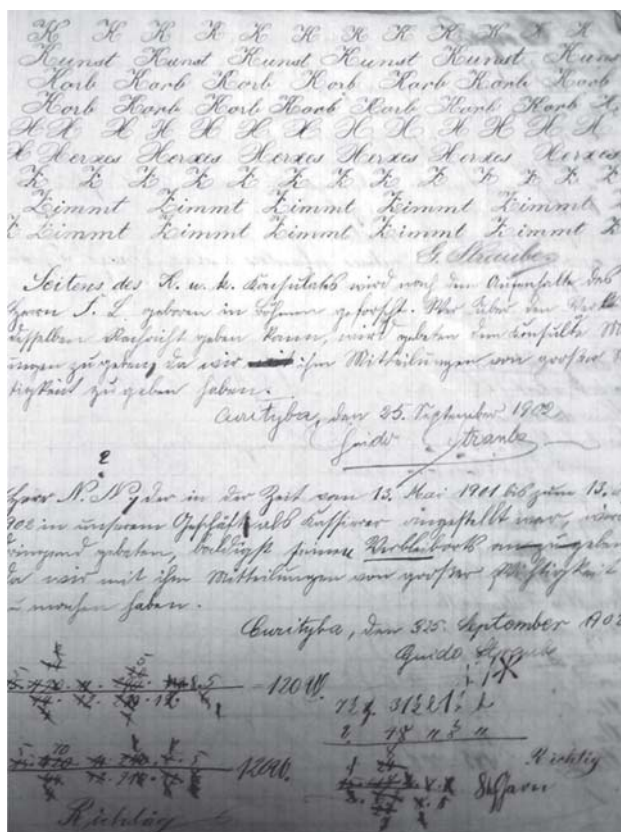


Figura 4: Exercícios realizados pelo aluno.
Fonte: Deutsche Schule, 1902.

datado em seu interior e oferecer condições de análise e interpretação de seu conteúdo como indício das atividades realizadas na Deutsche Schule, em 1902.

Suas 84 páginas, quadriculadas e numeradas mecanicamente, estão totalmente ocupadas pela escrita. Em papel de boa qualidade, os possíveis espaços em branco, não preenchidos num primeiro momento pelas tarefas realizadas, foram, posteriormente, utilizados para anotações menores, algumas divididas entre si por linhas de separação, levando a

crer que havia preocupação com a economia da página e o bom uso do papel. A caligrafia, realizada em sua maioria em letras manuscritas góticas, nem toda prima pela diligência, percebe-se que algumas notas foram produzidas apressadamente, enquanto outras se apresentam cuidadosamente elaboradas, com letras bem desenhadas pela caneta de pena, alternando talhos finos e médios, no exercício caligráfico.

As tarefas repetitórias realizadas no idioma alemão denunciam certo empenho com os cálculos e com a escrita do idioma, reiterando o que havia sido expresso no prólogo do manual escolar, o qual afirmava: “reler, copiar, fazer ditado são exercícios que precisam ser sempre repetidos para que haja um bom resultado no ensino” (*Deutsches Lesebuch für Brasilien*, 1914, p. 2). O exame do caderno indica que se tentava atingir essa meta por meio de exercícios de gramática, cópias, ditados, redações de cartas, composições de textos, estes escritos tantas vezes quantas fossem necessárias até aproximar-se de um resultado satisfatório, de acordo com o nível de exigência de cada professor. As correções atentas, realizadas ao longo das páginas, permitem que sejam interpretadas como um incentivo para o aluno encontrar palavras e modos diferentes de expressar suas idéias. Algumas redações, em razão do grande número de erros cometidos, tiveram de ser refeitas, enquanto outras dão sinais de um trabalho de pesquisa anterior à elaboração escrita, todas corrigidas com tinta vermelha, ressaltando os erros na tentativa de que eles não mais ocorressem. Uma dessas produções foi selecionada para que se possa conhecer seu conteúdo:

Eu tenho muito gosto em corresponder-me com parentes e amigos.

Outra particularidade que cultivo é escrever minhas memórias em uma bonita folha de papel de carta. Certo dia, porém, deparei-me com uma folha com uma grande mancha azul. Depois de descartá-la, aconteceu que voltou às minhas mãos. Aborrecido e já prestes a rasgá-la, observei-a com mais atenção. Percebi que a tal mancha não era de tinta, tratava-se de um fragmento de tecido, que provavelmente se agregara ao papel no momento da fabricação. Se nos perguntarmos qual é o principal componente do papel, a resposta será: fibras vegetais, mais precisamente de linho. Deixemos portanto que a própria folha de carta nos conte sua história:

“Na primavera, nós as flores azuis do linho confundimo-nos com o azul do céu. Porém não por muito tempo; logo somos arrancadas, colhidas e levadas para um moinho, onde com grande sofrimento somos trituradas por pesadas hastes de ferro. Em seguida, levam-nos a uma fiação e nossas fibras são transformadas em longos fios. Depois nos encaminham a uma tecelagem de onde saímos um belo tecido. Uma confecção costura uma linda camisa. Um homem em uma loja compra a camisa que o agasalha da geada e do frio. Passada a vida útil, eu e minhas companheiras vamos parar nas mãos de um catador de trapos. Depois vendidas para uma empresa de reciclagem. Então recomecem os sofrimentos: durante semanas somos levadas até ficar bem branquinhas. Na fábrica de papel o moinho nos reduz a pó. Conduzidas por uma esteira, passamos por prensas e calandras, enfim alisadas e finalmente já secas, cortadas em pedaços e agora encontramos-nos em suas mãos” [DS, 1902, p. 44].

A redação, pelo seu nível de complexidade e até pela inserção das aspas, sugere que tenha sido combinada com um texto copiado, o qual versaria sobre o antigo processo de fabricação de papel, por meio do aproveitamento de resíduos de tecidos de linho. O trabalho de construção lingüística pode ser compreendido como um exercício elaborado para tornar o texto mais expressivo que ainda atenderia às exigências do ler, escrever, copiar, como forma de aprendizado. A escolha pela prosopopéia, atribuindo qualidades e sentimentos humanos ao elemento vegetal, enfatiza o sacrifício das flores em proveito do homem e atribui valor simbólico à produção, revelando noções de economia e de preservação da natureza bem como um conhecimento, mesmo que generalizado e romanceado, das diversas etapas do processo de transformação da matéria-prima, inclusive as de reciclagem.

Esse saber prático fazia parte da cultura escolar da Deutsche Schule, como meio de o escolar ampliar seus conhecimentos e suas possibilidades de futuro. Conhecer melhor as atividades econômicas e financeiras vinha ao encontro das necessidades da Curitiba do início do século XX, que abria suas portas para negócios e investimentos, tanto na área fabril e industrial quanto na agricultura e no comércio, e oferecia oportunidades aos que possuíssem habilidades e conhecimentos artesanais, técni-

cos e comerciais. Em sintonia com o currículo escolar, no qual constavam matérias que facilitavam esse encaminhamento do alunado, o caderno registrava um sem-número de cálculos numéricos, monetários, percentuais, com frações decimais e ordinárias. Os problemas a serem resolvidos falavam de juros, contabilidade, despesas e exigiam longas operações com regras de três, números simples e periódicos, conversões de medidas e de valores, resoluções muito próximas das exigidas nas atividades cotidianas e comerciais⁶. Algumas noções de álgebra e geometria dividiam espaço com cartas comerciais, noções de botânica e mineralogia, abrindo o leque de possibilidades para a escolha de uma carreira promissora e de utilidade social.

Na aprendizagem escolarizada, porém, o trabalho era outro e o aluno contava com uma variedade de utensílios e instrumentos que iriam organizar seu pensamento e registrar seu desenvolvimento. Os cadernos serviam a essa finalidade e o professor dele utilizava-se para disciplinar a classe, mantendo todos ocupados a maior parte do tempo, obedecendo ao seu comando, e, se de alguma maneira não fosse atendido, poderia ainda exercer seu poder de mando e obrigar o aluno a fazer um exercício complementar e corretivo. O usuário do caderno escolar que se tem em mãos teria infringido alguma(s) das regras, uma vez que fora obrigado a escrever por duzentas vezes: “Um bom menino obedece imediatamente”. A punição no mundo da escola inscrevia-se no processo de modelação de condutas, atrelando o bom aluno/a boa aluna à criança obediente, que obedece às ordens, sem contestar e de forma imediata. Naquele lugar destinado à infância, os papéis imbricavam-se, enquanto se institucionalizava a subordinação de corpos e mentes por meio da escrita e se adotava a ameaça – velada ou não – como um dos mecanismos de contenção do escolar.

Mesmo que tenha sido criado para penalizar a possível falta, o exercício reforçava o domínio dos movimentos da escrita, os quais, pela prática, seriam automatizados. A aprendizagem de técnicas caligráficas,

6. Na página 84 do caderno escolar há uma redação produzida para a matéria de contabilidade que versa sobre o “mau comerciante”.

questionável nesse caso mas considerada exigência daquela cultura escolar, inclusa até como matéria curricular para o ano de 1895, tinha também suas finalidades práticas. Ao final da década de 1880, o diretor geral da Instrução Pública, que verificava o “talhe da letra” dos alunos examinados e percebera que muitos ainda tinham a “mão vacillante”, afirmou a necessidade do aperfeiçoamento da escrita: “no commercio, nas repartições publicas e mesmo nas artes, a boa letra é predicado de primeira indagação e fornece, por si só, meios de vida a muitos moços pobres” (Paraná, 1887, p. 80).

Assim, na tessitura dessas considerações, tentou-se dar a perceber que a materialidade da cultura escolar, utilizada como ferramenta de investigação, pode remeter-nos a um universo complexo, permeado de intencionalidades e significados, que interferem nas relações e práticas desenvolvidas na escola. Os componentes materiais, relacionados ao campo de sua produção e implementação e compreendidos como portadores de sentidos, atrelados ao sistema de valores e significações sociais, transcendem sua função elementar de facilitar o processo ensino-aprendizagem, tornando-se fontes para a problematização desse processo.

Acreditando, pois, na potencialidade desses “restos arqueológicos” (Escolano, 2000, p. 319), os vestígios do passado da escola, como categoria de análise e/ou forma de abordagem, para a decifração das práticas educacionais, espera-se que este trabalho tenha feito emergir alguns aspectos singulares da cultura escolar da Deutsche Schule e venha a contribuir para as pesquisas históricas em educação.

Fontes

A REPÚBLICA, Curitiba, 23 out. 1900.

DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 22 out. 1900.

_____, Curitiba, 17 dez. 1907.

_____, Curitiba, 18 dez. 1909.

DER KOMPASS, Curitiba, 10 dez. 1904.

_____. , Curitiba, 5 dez. 1906.

DEUTSCHE SCHULE – DS. *Caderno*, 1902.

_____. *Relatório*, 1895.

_____. *Relatório anual*, 1913.

_____. *Boletins*, 1900, 1912, 1916.

DEUTSCHES LESEBUCH FÜR BRASILIEN: für das erste und zweite Schuljahr. 5. ed. Berlin: G. Bernstein, 1914.

PARANÁ. *Relatório de Luiz Alves Leite de Oliveira Bello apresentado a Brazilio Augusto Machado de Oliveira, ao passar-lhe a administração, em 22 de agosto de 1884*. Curitiba: Typografia Perseverança, 1884.

PARANÁ. *Relatório de Luiz Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque apresentado a Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho, anexo ao Relatório de Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná, em 17 de fevereiro de 1887*. Curitiba: Typografia da Gazeta Paranaense, 1887.

PARANÁ. *Relatório de Victor Ferreira do Amaral e Silva apresentado a Caetano Alberto Munhoz, em 29 de setembro de 1894*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1894.

PARANÁ. *Relatório do Inspetor Escolar, Benjamin Baptista Lins D'Albuquerque, anexo ao Relatório apresentado pela Diretoria Geral da Instrução Pública, ao Secretário d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, em 4 jan. 1909 (DEAP). Relatórios de 1908, 353.3 P 223; MFN 723, 1908.*

Referências bibliográficas

BARRA, V. M. da. *Da pedra ao pó: o itinerário da lousa na escola paulista do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ESCOLANO, A. La historia de la educación después de la posmodernidad. In: BERRIO, J. R. *La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. p. 297-324.

FARIA FILHO, L. M. de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). *Modos de ler/formas de*

escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2001. p. 29-46.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, v. III, 19[?].

GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, E.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 519-550.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KREUTZ, L. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

RAMBO, A. B. *A escola comunitária teuto-brasileira católica: a Associação dos Professores e Escola Normal*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

SOUZA, R. F. de. Uma contribuição para a história da cultura material escolar. In: ALMEIDA, J. S. de. (Org.). *Profissão docente e cultura escolar*. São Paulo: Inter-subjetiva, 2004. p. 119-147.

_____. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. No prelo.

VALDEMARIN, V. T. *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VIÑAO FRAGO, A. *Innovación pedagógica y racionalidad científica: la escuela graduada pública en España (1998-1936)*. Madrid: Akal, 1990.

_____. História de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, p. 63-82, 1995.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 10. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

Endereço para correspondência:
Regina Maria Schimmelpfeng de Souza
Rua Guilherme Pugsley, 1060/142
Água Verde – Curitiba-Paraná
CEP 80620-000
E-mail: schimmel@oi.com.br

Recebido em: 5 mar. 2007
Aprovado em: 18 jun. 2007